

O ensino do gênero conto por meio de sequência didática



Simone Arantes Martins

Graduanda de Licenciatura em Letras
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Ivalda Luiza dos Santos

Graduanda de Licenciatura em Letras
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Introdução

O presente estudo tem por finalidade apresentar um relato da experiência vivida por duas alunas do Curso de Licenciatura em Letras oferecido pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) do Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, da cidade de Uberaba-MG. Ele constitui-se na descrição de como se deu a experiência de dar a primeira aula da disciplina de Didática do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura a alunos do Ensino Médio do Curso Normal de Professores da Educação Infantil da Escola Estadual Professora Corina de Oliveira. A atividade foi desenvolvida no primeiro semestre de 2016 e foi a última de uma série, considerada o fechamento de quatro módulos da disciplina de Didática no Curso Superior de Licenciatura em Letras do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

O foco dado pela orientadora da disciplina foi o desenvolvimento das experiências teóricas na prática, mostrando-nos que as realidades podem ser diferentes, mas que os desafios enfrentados pelos professores muitas vezes são os mesmos. Os dados aqui apresentados fazem parte dos momentos passados com os alunos, momentos de muita interação e de grande valor para o processo de ensino-aprendizagem, bem como de reflexão sobre a própria prática das pesquisadoras durante toda a aula em questão, com a pretensão de apresentar as contribuições obtidas na prática de formação de educadores.

Diante disso, a disciplina Didática do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura é aquela em que o discente irá desenvolver seus conhecimentos, correlacionando teoria e prática, aplicando

o conteúdo apreendido na sala de aula, o que contribuirá para uma análise de pontos que precisam ser melhorados e, sobretudo, qual a melhor estratégia a ser adotada por um futuro profissional da educação.

Sendo assim, a experiência tem o intuito de promover o primeiro contato do professor, ainda em processo de formação, com a realidade dos alunos em sala. Esse momento nos proporcionou colocar em prática as teorias estudadas no decorrer do curso, consoante com Pimenta e Lima quando dizem que:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. (2005, p. 7).

Nós, docentes e pesquisadoras, reconhecemos, durante essa aula, a possibilidade de nos assumirmos como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem da Literatura, com o objetivo de nos prepararmos para o trabalho docente. No entanto, como a maioria dos educadores, não entramos em sala com a expectativa de sermos aceitas prontamente, de encontrarmos alunos entusiasmados, bem-sucedidos, que gostam de sentar-se calmamente atendendo aos comandos do professor, ou mesmo que irão, obedientemente, memorizar, priorizar, analisar e refletir sobre tudo o que ouvem. Desse modo, as conversas e as ideias foram tomando corpo, tornando-se mais precisas. O conflito de pontos de vista instigou reflexões sobre os conhecimentos e habilidades relacionadas ao processo de leitura. Então, planejamos apresentar um gênero literário mais voltado para a literatura contemporânea, como uma tentativa de provocar nos alunos um interesse para a leitura, escrita, interpretação e dramatização.

Vale salientar o que todos os bons leitores já deveriam saber: que a literatura é capaz de realizar em nós uma explosão de sentimentos, que nos transporta a viagens para terras nunca vistas ou visitadas, e que, quando lemos, temos a oportunidade de explorar alguns sentimentos que talvez nunca descobriríamos em nosso ser sem vivenciar esta experiência.

Contudo, percebemos que o que nos torna verdadeiros educadores é o reconhecimento, gratidão e respeito às diferenças dos alunos. Os preparativos para a atuação, naquele rápido momento em que assumimos o papel de educadoras, nos proporcionaram a percepção do que Freire (2003) nos chama a atenção: ao ensinar, nos colocamos como aprendizes da própria experiência; no ato de ensinar, nos propomos a uma reflexão sobre as formas de abordagem com os educandos, trazendo para as discussões a importância de o educando reconhecer-se como tal e, portanto, compreender sua tarefa no processo de aprendizagem.

Desenvolvimento

Foram ministradas duas aulas, uma por cada aluna docente, e cada aula com duração de 50 minutos. Vale lembrar que a leitura e a escrita têm na escola um papel fundamental, uma vez que ambas estão estreitamente ligadas. Por meio do desenvolvimento destas habilidades, o aluno se prepara para o seu papel de cidadão, conhecedor de seus direitos e deveres. Uma das aulas teve como principal objetivo relatar a prática de leitura do gênero conto, trabalhado em sala de aula tendo como premissa ser esta a melhor forma de criar condições para que os alunos se interessassem pela prática da leitura, por se constituir em uma atividade agradável no âmbito da literatura.

Nossos objetivos específicos foram: discutir as estratégias didáticas utilizadas nas aulas lecionadas; avaliar as escolhas metodológicas do planejamento e execução da sequência didática; descrever o desempenho dos alunos nas aulas; e discutir se nossas aulas contribuíram para a criatividade e a criticidade deles, oferecendo-lhes a oportunidade, ainda que por um breve momento, de serem leitores críticos reflexivos. Acreditamos que cabe ao professor criar alternativas para modificar sua prática. Concordamos quando Masetto salienta que a sala de aula deve ser vista como espaço de vivência, pois

Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando seu dia-a-dia de estudos é invadido e atravessado pela vida, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos “lá fora”, este espaço se torna espaço de vida e a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência. (1997, p.35).

Amparadas por essas reflexões e na iminência do primeiro dia atuando como professoras de Língua Portuguesa e suas literaturas, com a ansiedade à flor da pele, juntamente com inúmeros questionamentos, conseguimos elaborar a pergunta mais importante e que ansiava por respostas: como despertar a motivação em um

momento em que a educação passa por tantas transformações e em que a atenção dos alunos está voltada para o mundo maravilhoso da era digital? Era preciso criar mecanismos para trabalhar a leitura, a produção de textos escritos, a oralidade e a análise linguística, ou seja, os quatro eixos de ensino da língua portuguesa: (leitura de textos; produção de textos; oralidade e conhecimentos linguísticos), sem lançar mão das tecnologias e em um curto espaço de tempo.

Veio, então, a ideia de trabalharmos o gênero narrativo por meio de um texto literário de sentidos múltiplos. Com a finalidade de elaborar um bom plano de aula, iniciamos uma busca por um texto adequado, mas nos deparamos com o seguinte entrave: Como encontrar um texto capaz de enfatizar a importância da literatura, criando, assim, uma situação autêntica para o estudo? Naquele momento de escolha a preocupação parecia aumentar. Era preciso trabalhar algum texto que pudesse corroborar com a proposta, uma vez que a desmotivação é bastante significativa em torno da leitura, com a falta da prática de letramento ou mesmo os vícios de linguagem que têm ocupado um espaço considerável no cotidiano escolar. Atentar para esses fatos foi de extrema importância. Necessitávamos de um conteúdo que atendesse aos nossos anseios, mas, acima de tudo, era primordial planejar a aula usando um gênero narrativo interessante e, ao mesmo tempo, eficaz e versátil.

Dentro de uma variedade de gêneros literários existentes, o conto foi por nós escolhido por ser uma narrativa curta, clara e objetiva, ou seja, de fácil análise, com acontecimentos sem grandes complicações de enredo, e por ter apenas um clímax. O conto é extremamente rico e pode oferecer interessantes trilhas de aprendizagem. Trazer esse gênero literário para nossas aulas foi considerada uma estratégia capaz de provocar nos alunos um interesse pela leitura, escrita, interpretação e dramatização.

O texto por nós selecionado foi “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, extraído de Seminário dos Ratos, nos deu suporte para realizar nossa aula com segurança e foi considerado uma excelente opção para atingirmos nosso objetivo. Acreditávamos que por meio deste conto os estudantes encontrariam um enriquecimento cultural indiscutível por se tratar de um conto contemporâneo cujo enredo envolve duas estudantes, uma de Direito e a outra de Medicina, que, para promover o corte de gastos financeiros, decidem morar em uma pensão mais barata. A dona da pensão é uma mulher mais velha que aluga o sótão de sua casa. Após se mudarem, elas se assustam por terem encontrado formigas, supostamente montadoras de um esqueleto. Ao final do conto, não é possível definir se as formigas atingiram o seu objetivo, pois as garotas deixam a pensão, não finalizando a história. A não apre-

sentação de um desfecho para a trama facilita o envolvimento dos alunos, levando-os ao mundo mágico e maravilhoso da imaginação.

Com a finalidade de dar desenvolvimento ao trabalho, criamos uma roda de conversa por dispormos de pouco tempo para concluirmos a atividade e a fim de atingirmos nossos objetivos. Dividimos a turma em três grupos, entregamos um folder com o conto para cada um deles, fizemos a leitura, debatemos o texto e pedimos que cada grupo elaborasse um final para o conto. Por meio desta metodologia, conseguimos instigar os alunos participantes a trabalharem as habilidades de interpretar, criar e recriar. Foi uma experiência ímpar porque eles foram incentivados a apropriar-se do enredo e enriquecer a sua percepção da história por meio de exercícios de leitura, escrita, interpretação e improvisação. O resultado foi positivo: cada um usou a criatividade e elaborou como desfecho do conto o que melhor fluiu de sua imaginação. Ao terminarmos a atividade, saímos com a certeza de que ser educador é viver cada momento, bom ou ruim, como se fosse único.

Conclusão

Educar sobre o mundo da narrativa contempla uma relação entre o real e o imaginário e, nesse estudo, o conto desempenhou o papel de transmissor de valores socioculturais, pois convidou os participantes a reconhecerem a importância da linguagem, a sua dimensão lúdica e artística, além de sua função social.

Considerações finais

Após o término da atividade proposta neste estudo, chegamos à conclusão que os contos ainda têm o seu lugar na educação e que o ato de contar histórias no processo de ensino-aprendizagem pode ser considerado uma experiência bem-sucedida. Por meio do conto, são criadas importantes situações que podem viabilizar o aprendizado de todos os envolvidos.

Pode-se ainda concluir que os alunos, quando em contato com as histórias, experimentam uma sensação de liberdade, que foge da realidade curricular a que estão acostumados, trazendo o novo para a sala de aula, o que desperta o seu interesse.

No entanto, por ser este tema muito pouco utilizado em sala de aula como estímulo à participação dos discentes, faz-se necessária uma busca de uma didática que aprofunde mais os estudos dentro deste contexto. Segundo Koch e Elias (2006), os atores sociais, que fazem parte da construção social do conhecimento, podem desempenhar novas funções e papéis em re-

lação à nova concepção da língua enunciativa, fazendo surgir uma nova Didática do Ensino da Língua Portuguesa, seguida de outras práticas docentes de ensino da leitura e da escrita.

Vale enfatizar que, para a obtenção de resultados positivos, é necessário recorrer a atividades significativas que estimulem o interesse dos alunos, por meio de um trabalho em parceria entre professor/aluno, aluno/professor e, principalmente, trabalhar contos, como ferramentas didático-pedagógicas, com alunos de todas as faixas etárias. Portanto, terminamos este estudo com o provérbio que julgamos ilustra bem o resultado por nós obtido: “Quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto”, bem como com uma citação de H.P. Lovecraft.

Quando se sobrepõe a esse senso de medo e de mal o inevitável fascínio do maravilhoso e da curiosidade, nasce um conjunto composto de emoção aguda e provocação imaginativa cuja vitalidade deve necessariamente durar enquanto existir a raça humana. Crianças sempre terão medo do escuro e homens de espírito sensível a impulsos hereditários sempre tremerão ante a ideia dos mundos ocultos e insondáveis de existência singular que podem pulsar nos abismos além das estrelas. (LOVECRAFT, 2007, p. 15).

De acordo com nossas vivências, neste curto período, podemos, sem dúvida, dizer: sejam de qualquer época, “os contos” a serem contados, vale a pena explorá-los, pois eles serão sempre admirados e reescritos pela nossa imaginação. As diversas inteligências, talentos, habilidades, interesses e formações dos estudantes enriquecem as nossas escolas e nossas vidas como professores.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LOVECRAFT, Howard P. **O Horror Sobrenatural em Literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poésis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005/2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 04/06/16

SANTOS, Carmi Ferraz. A Formação em Serviço do Professor e as Mudanças no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Educação Temática Digital** - ETD, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 27-37, jun. 2002b.

TELLES, Lygia Fagundes. As formigas. 2008. Disponível em: <<http://manoelneves.com/2008/02/04/o-conto-da-mulher-brasileira-as-formigas-de-lygia-fagundes-telles/>>. Acesso em: 23/01/17.

ANEXO A

“As formigas” - conto completo de Lygia Telles

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

- É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

- Pelo menos não vi sinal de barata - disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

- É você que estuda medicina? - perguntou soprando a fumaça na minha

Direção.

- Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

- Vou mostrar o quarto, fica no sótão - disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos.

- O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

- Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoa (ho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e pondo-se de joelhos puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

- Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

- Ele disse que eram de adulto. De um anão.

- De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. - Tão perfeito, todos os dentinhos!

- Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. Telefone, também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa - recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: - Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada. Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana. Prendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

- Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até a madru-

gada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

- De onde vem esse cheiro? - perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho.

- Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

- É de bolor. A casa inteira cheira assim - ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

- Que é que você está fazendo aí? - perguntei.

- Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desemboçavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

- São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida - estranhei.

- Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

- Está debaixo dela - disse minha prima e puxou para fora o caixotinho.

Levantou o plástico.

- Preto de formiga! Me dá o vidro de álcool.

- Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

- Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e, como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

- Esquisito. Muito esquisito.

- O quê?

- Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão

do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

- Deus me livre, tenho nojo de osso! Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da mancha passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo com os exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha, estudado. As seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campanha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei.

- E as formigas?

- Até agora, nenhuma.

- Você varreu as mortas? Ela ficou me olhando.

- Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

- Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas, então, quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

- Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas ela estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Aspergi água-de-colônia Flor de Maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho, que competia nas repetições com o tal sonho da prova oral, nele eu marcava encontro com dois namora dos ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava

o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

– Elas voltaram.

– Quem?

– As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo. A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

– E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

– Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada!

Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta, senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formigas, você se lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas se trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... Estão se organizando.

– Como, se organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

– Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando o seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

– Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

– Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou. O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

– Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

– Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, Acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

– Voltaram – ela disse.

Apertei entre as mãos à cabeça dolorida.

– Estão aí? – Ela falava num tom miúdo, como se uma formiguinha falasse com sua voz.

– Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena movimentação. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

– O que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

– Você está falando sério?

– Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

– Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

– Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta!

– E para onde a gente vai?

– Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.